**A MUSICOTERAPIA COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE MIGRAÇÃO INVOLUNTÁRIA OU REFÚGIO**

JÚLIA ABREU RAMOS (CNPq)

UNESPAR/FAP. [juliaabramos20@gmail.com](mailto:juliaabramos20@gmail.com)

ANDRESSA DIAS ARNDT

UNESPAR/FAP. [andressa.arndt@ies.unespar.edu.br](mailto:andressa.arndt@ies.unespar.edu.br)

PIC: Programa Institucional de Iniciação Científica

IC

**INTRODUÇÃO**

Os conflitos que envolvem a população em situação de migração e refúgio se relacionam de forma interseccional com questões relacionadas à raça, gênero, nacionalidade, religião, grupo social, guerras civis e diversas situações de violências que ameaçam a segurança e direitos desses povos, forçando-os a um deslocamento para outros territórios em busca de proteção e melhores condições de existência.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas - ACNUR (2022), até 2022, o número de pessoas em situação de migração forçada e refúgio se encontrava em 108,4 milhões, sendo os três países em que esses deslocamentos mais acontecem: República Árabe da Síria, Ucrânia e Afeganistão.

Neste artigo, apresentamos a musicoterapia como uma das possibilidades de enfrentamento das vulnerabilidades a partir de um caminhar junto do sujeito em situação de migração forçada e/ou refúgio. Trazemos esse campo do saber, que, ao acreditar na potencialidade do sujeito, pode, em conjunto desse, inaugurar oportunidades de existências a partir de ações criativas e emancipatórias. Assim, os fazeres e saberes da musicoterapia podem facilitar a expressão de singularidades, além de criar em conjunto do sujeito, novas perspectivas e sentidos para histórias que contemplem o sujeito, sem que haja um apagamento de questões sociais, históricas e culturais que o atravesse. Da mesma forma, a musicoterapia pode reivindicar novas condições para o viver quando é pensada e realizada com perspectivas sociais, comunitárias e políticas.

Procuramos nesta pesquisa perscrutar quais os saberes e fazeres da Musicoterapia com pessoas em situação de migração involuntária e/ou refúgio presente nas publicações em todo o mundo de Musicoterapia dos últimos dez anos. Interessou-nos conhecer se tais saberes e fazeres têm contribuído para os processos emancipatórios de pessoas em situação de migração involuntária e/ou refúgio.

Esta pesquisa teve caráter exploratório e qualitativo, em que foi realizada uma revisão integrativa de literatura, seguida de uma análise temática em torno do material encontrado. Considerando publicações em português, inglês e espanhol, foram utilizados como termos para busca a palavra Musicoterapia combinada com uma das seguintes palavras: migração, imigração, refúgio e pessoa refugiada. Assim, foram encontrados e analisados 15 artigos que estavam de acordo com os critérios de inclusão: materiais dentro de um recorte de dez anos, com ao menos um musicoterapeuta como autor e de livre acesso.

**MÉTODO**

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, este trabalho buscou considerar a subjetividade e singularidade do material analisado (MERCADO-MARTÍNEZ, 2004). Visando a descrição e interpretação de fatos, esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador uma interação direta com o objeto estudado e analisado (PROETTI, 2004). Assim, ainda na companhia do autor anteriormente citado, na pesquisa qualitativa, são estudados os sujeitos em suas relações e contextos sociais com o intuito do entendimento e sentido criado a partir desses elementos, apresentando-se como uma tentativa de compreender globalmente as características situacionais que pode dar notícias de valores, atitudes, referências culturais e sociais do objeto e população estudada (PROETTI, 2004).

Nesta pesquisa exploratória, foi realizada uma revisão integrativa de literatura, a qual é baseada em uma síntese de estudos já publicados anteriormente e permitindo com que se criem conclusões em relação aos resultados destes (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2013). Esse tipo de revisão, segundo Ercole et al (2014), permite ao pesquisador direcionar a pesquisa para diferentes finalidades, as quais podem envolver: a definição de conceitos, revisão de teorias ou uma análise metodológica de estudos.

Ainda segundo Ercole et al (2014), para que a revisão integrativa aconteça de forma correta, é necessário percorrermos algumas etapas, as quais envolvem uma identificação do tema e questão da pesquisa, a seleção de critérios para inclusão e exclusão que pertencerão às amostragens, a decisão em relação ao que será extraído das informações do material analisado, a avaliação desse material, interpretação dessas informações e finalmente a apresentação da revisão. Assim, esse caminho também facilita uma compreensão completa e complexa do que se é estudado (ERCOLE, et al, 2014).

Considerando publicações em português, inglês e espanhol, foram utilizados como termos para busca a palavra Musicoterapia combinada com uma das seguintes palavras: migração, imigração, refúgio e pessoa refugiada. Todos os termos foram traduzidos para o inglês e para o espanhol para realização da busca. Como critério de inclusão, foi decidido que apenas pesquisas dos últimos dez anos, com ao menos um musicoterapeuta como autor e de livre acesso seriam selecionadas para análise.

As fontes de informações utilizadas para busca foram: BVS - Lilacs, Scopus, Scielo, Banco de teses e dissertações CAPES, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, ECOS, Portal de Periódicos CAPES, Google acadêmico, Revista InCantare, Brazilian Journal of Music Therapy, Voices: A World Forum for Music Therapy; PsycInfo, RILM, CINAHL, International Index to Music Periodicals, and Web of Science. Nas quatro primeiras fontes listadas, mais as fontes Psycinfo e International Index to Music Periodicals and Web of Science não foram encontrados resultados de pesquisa. Além disso, as fontes RILM e CINAHL indicam publicações, mas não possuem livre acesso.

Na tabela a seguir (Tabela 1) apresentamos o resultado dessa busca sistematizada de literatura:

Tabela 1

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **TÍTULO DO MATERIAL**  **ENCONTRADO** | **FONTE DE INFORMAÇÕES** | **INCLUSÃO** |
| Song and migration | CAPES | NÃO  ( o artigo não possui livre acesso) |
| [Music therapy and international development in action and reflection: A case study of a women's music group in rural Bangladesh](https://capes-primo.ezl.periodicos.capes.gov.br/primo-explore/fulldisplay?docid=TN_cdi_gale_healthsolutions_A352752705&context=PC&vid=CAPES_V3&lang=pt_BR&tab=default_tab&query=any%2Ccontains%2Cmusic%20therapy%20and%20refuge&offset=0) | CAPES | NÃO  ( o artigo não possui livre acesso) |
| Era uma vez uma voz: o cantar ídiche, suas memórias e registros no Brasil: | Google Acadêmico | NÃO  (não há musicoterapeuta na autoria) |
| Escuta a sua voz : musicoterapia comunitária com crianças e jovens refugiados | Google Acadêmico | SIM |
| Cuando la identidad está en riesgo: Musicoterapia, Cultura y Migración en el Hospital Público Pediátrico | Google Acadêmico | SIM |
| The effect of music therapy services on classroom behaviours of newly arrived refugee students in Australia—a pilot study | Google Acadêmico | NÃO  ( o artigo não possui livre acesso) |
| Musicoterapia con mujeres refugiadas y solicitantes de asilo en Berlín | Google Acadêmico | SIM |
| La musicoterapia como acompañamiento al duelo migratorio: un estudio de caso único sobre la identidad | Google Acadêmico | SIM |
| Community music therapy with traumatised refugees in Berlin | Google Acadêmico | NÃO  (O material não está disponível na íntegra) |
| Neo-colonialism In Music Therapy: A Critical Interpretive Synthesis of the Literature Concerning Music Therapy Practice With Refugees- | Voices | SIM |
| Jornada das Heroínas- História Emergente de Mulheres Refugiadas em Grupo de Musicoterapia Analítica | Voices | SIM |
| Action Research and Music Therapy: Group Music Therapy with Young Refugees in a School Community | Voices | SIM |
| Music Therapy with Traumatized Refugees in a Clinical Setting | Voices | NÃO  (Ultrapassa o recorte de tempo pré-estabelecido) |
| Encruzando fronteras: la musicoterapia como facilitadora de la expresión emocional en personas refugiadas recién llegadas a España (2021) | TESE DE MESTRADO | SIM |
| Práctica musicoterapéutica y población migrante | ECOS | SIM |

A partir da seleção desses materiais, foi realizado o processo analítico que tomou como inspiração a Análise Temática proposta por Braun e Clarke (2008). Esse tipo de análise está dentro dos métodos qualitativos de pesquisa, sendo um dos benefícios da análise temática sua flexibilidade, como apontado pelas autoras. Elas afirmam que por meio desta, é fornecida uma ferramenta útil que dá notícias em potencial sobre os diversos dados de um objeto de estudo, sem com que se perca sua flexibilidade. Assim, Braun e Clarke (2008), caracterizam a análise temática como identificadora de padrões entre os dados analisados.

Definindo qual tipo de análise será realizada, o pesquisador deve identificar, diante de suas fontes de informações padrões e questões que interessem aos objetivos da pesquisa e a partir disso, realizar registros constantes de esquemas e ideias advindas desses (SOUZA, 2019). O pesquisador, portanto, deve se entender como ativo nesse processo, que passará por constantes transformações. O processo da realização de uma análise temática não é, portanto linear, sendo demandada uma atitude com movimentos amplos e sem pressa, que contemplem as necessidades da análise e que percorra momentos de familiarização com os dados, a revisão desses e a produção de um relatório contemplativo (SOUZA, 2019).

Com inspiração nessa abordagem, nesta pesquisa, foram criados três eixos temáticos para análise do material encontrado que serviram como guias e suporte para compreendermos e atingirmos os objetivos da pesquisa, ou seja, caminhando ao encontro do interesse em conhecer os fazeres, saberes, potencialidades, impasses e possibilidades da musicoterapia com a população estudada. Assim, os eixos criados foram: “Saberes e fazeres da musicoterapia”, “Impasses e possibilidades” e “Resultados/efeitos”. A partir da criação desses eixos temáticos, foram criadas categorias de análise, a partir do material mais recorrente e dos conteúdos que se destacavam nas pesquisas, sendo elas: Música como linguagem universal? e Musicoterapia e processos emancipatórios.

**RESULTADOS**

Em linhas gerais, durante o processo de análise observamos que os trabalhos com essa parcela da população é realizado em diferentes formatos e a partir de distintas perspectivas. Em se tratando da organização dos atendimentos, encontramos grupos formados por: jovens, crianças, adultos e grupos compostos de mulheres. Os lugares aos quais ocorreram esses projetos foram diversos, sendo hospitais públicos e privados (ALPEROVICH; BIEGUN, 2015; BERENSTECHER, 2022), centros de acolhimento (PALACIOS, 2019; QUIRICO, 2022) e atendimentos clínicos (COELHO, 2021; ORTIZ; PÉREZ-EIZAGUIRRE, 2019).

Tivemos notícias de encontros de Musicoterapia em grupo e individuais, que se inspiram em diferentes linhas teóricas, tais como na Musicoterapia de Nordoff- Robbins, no Modelo Benenzon, na Musicoterapia Comunitária, Musicoterapia Centrada na Cultura e Musicoterapia Analítica. As experiências analisadas mencionaram a musicoterapia receptiva e ativa, sendo as experiências de improvisação e composição as mais encontradas. As experiências receptivas em Musicoterapia também apareceram, no entanto não de modo recorrente. Além disso, apareceram técnicas que não pertencem exclusivamente ao campo musicoterápico, como técnicas de canto e *mindfulness*.

**MÚSICA COMO LINGUAGEM UNIVERSAL?**

Desenvolveremos este bloco a partir da análise de propostas musicoterápicas em que é comum a justificativa da eficácia da musicoterapia com pessoas em situação de migrações involuntárias e refúgio por meio da argumentação de que a música pode ser vista como uma linguagem universal, ou seja, que transpassa qualquer característica social e aproxima emocionalmente os sujeitos uns dos outros. Porém, consideramos importante pensarmos de qual música e musicoterapia estamos nos referindo nesse contexto. Interessa-nos aquela que investe na potencialidade dos sujeitos e reconhece as condições sócio–históricas as quais este está inserido (ARNDT; MAHEIRIE, 2020), escapando de uma visão de que a música se apresenta com as mesmas funções em todo o mundo a partir de uma ideia hegemônica, como criticado por Comte (2016), um dos materiais aqui analisados.

Assim, a partir desse pensamento, é necessário refletirmos em encontros musicoterápicos com pessoas em situação de migração involuntária e/ou refúgio a partir de uma lógica que compreenda a subjetividade atravessada por elementos culturais, históricos e sociais, e com uma perspectiva de música que se desenvolva para além de um eixo europeu e americano, concentrando-se em escapar de uma lógica de domínio colonial (COELHO, 2021).

Em muitas das fontes e literaturas analisadas para esta pesquisa, foram percebidos argumentos que sustentam o fazer musicoterápico como ideal para trabalhar com a população em estudo (COELHO, 2021; BERENSTECHER. 2022; BIEGUN, 2015; HOWE, 2020 ). Na perspectiva desses autores, a música rompe com as barreiras linguísticas e permite um sentimento de segurança para que os sujeitos possam explorar sua subjetividade.

Em um dos artigos selecionados, a partir de um pensamento decolonial, que também analisa outros trabalhos realizados por musicoterapeutas com a população aqui estudada, o autor relata o fato de que, entre onze artigos encontrados, dez caracterizam a música como linguagem universal e um meio possível de pessoas em situação de migração e refúgio compreenderem sua identidade, além de quebrar barreiras à fim de reconstruir novas formas de linguagem (COMTE, 2016).

No processo de análise, observamos que Ortiz e Pérez-Eizaguirre (2019), justificam a universalidade da música ao trazerem esta como um meio comunicacional potente que vai para além e é mais precisa que a utilização de palavras, se transformando em uma ponte para que interações e transformações nos tratamentos possam ocorrer. Além desses autores, San Quirico (2022), a partir de um projeto realizado com mulheres refugiadas em Berlim, complementa as ideias dos autores anteriores trazendo o aspecto da música como importante e facilitador dos processos dessas mulheres, o que também é complementado por Coelho (2021) que sugere a música como caráter universal no sentido transformador desta mas também como específica de cada cultura.

Pensando criticamente nas considerações analisadas, partilhamos aqui de que a musicoterapia possui limites e possibilidades, assim como qualquer outra profissão e/ou campo de saber. Se pensarmos em algum tipo de cuidado como ideal para determinada população, estaremos excluindo a possibilidade de se enxergar outras interfaces e singularidades e, por isso, em alguns dos materiais analisados, como no trabalho de Alba (2022) e de Berenstecher et.al. (2022), a musicoterapia aconteceu por meio do encontro com uma equipe que envolvia também profissionais de outras áreas.

O que é necessário trazermos para reflexão não é a tentativa de extinguir ou negar as possibilidades da música como sendo uma ponte de trocas e âncoras de musicoterapeutas com a população em situação de migração involuntária e/ou refúgio, como apontado por Palacios (2019), mas sim, pensá-la em uma perspectiva como um fenômeno que possui características culturais, históricas e sociais que também atravessam e constituem os processos de subjetivação de uma pessoa (COELHO, 2021).

Por processos de subjetivação compreendemos o movimento realizado pela introdução de novas possibilidades de construção de elementos na vida do sujeito que podem ser mediados, por exemplo, pela arte. Assim, segundo Maheirie (2008), a subjetivação passa por um momento de objetivação no real, que se transforma em uma apropriação do que se é identificado e por consequência afeta o sujeito. Assim, os processos de subjetivação e objetivação se constituem como movimentos dialéticos, constituintes dos sujeitos e em constante vir a ser.

Seeger (1971), descreve várias possibilidades de entendimento sobre a percepção que pessoas têm ao relacionarem-se com a palavra música, sendo que esta, para o autor, pode ser reconhecida por meio de três modos: por sua definição, ou seja, quando explicamos o que significa; identificação, quando reconhecemos que o que aparece é música; e descrição, representando detalhes que comprovem que o que se ouve é música. Diante dessas ideias, traz a concepção de que a música percorre muitas camadas (muitas vezes ambíguas) que atravessa cada sujeito em sua singularidade contextual.

Ao fazer referência a estas camadas, é dito pelo autor que esta, assim como a palavra música, carrega conceitos por vezes taxonômicos, tendenciosos para um entendimento plural, fazendo referência, nesse caso, a variantes culturais, históricas e sociais. Ao conectarmos a palavra universal a todo esse discurso, podemos refletir sobre a questão de que esta última traz como ideia uma ordem que caracteriza e abrange todas as pessoas existentes (SEEGER, 1971). Assim, traçamos como possível questão: será mesmo que a música pode ser compreendida da mesma forma, tendo as mesmas funções e potencialidades apesar do contexto cultural no qual está inserida?

Se pensarmos nas diversas possibilidades de criações e invenções teóricas e práticas da música, quando a classificamos como universal, é possível que não estejamos abrangendo toda sua extensão, diante do pensar de que esta afirmação parte de um princípio hegemônico e ocidental, ou seja, de onde esta foi difundida e associada às línguas e linguagem pré estabelecidas e muitas vezes modificadas por meio de uma compreensão cultural, como apontado por Seeger (1971).

Complementarmente às ideias de Seeger, Noronha (2010), propõe criticamente que muito do que é dito em relação à universalidade da música tem relação com as transformações ocorridas no século XX, que de forma artística, social, científica, entre outros fatores, interferem nesse conceito. Assim, o autor faz uma provocação para que olhemos de forma pluralista para essa concepção, englobando a música não só em uma esfera global, mas sim singularizada, culturalmente situada e partilhada socialmente.

Além disso, Noronha (2010) propõe que olhemos para os aspectos musicais como tendo diferentes funções sociais em cada lugar, chamando a atenção para o contexto extra musical de cada música existente em culturas diferentes, partindo da necessidade de uma atitude que seja consciente de realidades sociais, étnicas e históricas a qual é analisada. Assim, o autor traz o conceito Hegeliano de história para fundamentar que a música como conceito universal se debruça em uma ideia utópica e ocidental de humanidade.

Já em relação à universalização e globalização musical, Jiménez (2008) compreende que muito do que é trazido fora do mundo ocidental, tem ganhado espaço neste, e aparentemente aguçado a curiosidade e abertura de novas possibilidades que até então não eram da mesma forma que hoje, reconhecidos ocidentalmente. Porém, esse fascínio muitas vezes visto como exótico ainda o coloca em uma posição inferior e a ser apropriado e reestruturado a partir de um olhar dominador.

Assim, a música, nesse contexto, é trazida pela autora como um “recurso estético expressivo” (Jiménez, 2008, p. 295), e, sem se adentrar em questões sociais e culturais, é dito como algo inerente a todo sujeito que se utiliza de recursos da linguagem, sendo a música lá, apresentada como um deles. Jiménez (2008), portanto, traz a ideia da música como uma quebra de barreira trazida pela linguagem, sendo esta a aproximação entre criatividade e espiritualidade, em que muitas experiências e momentos em vida, e muitas vezes até nos ritos de elaboração do luto, em diversas culturas, são preenchidas por música, e esta, acaba por tomar um espaço expressivo e comunicacional para as sociedades.

Consideramos, portanto, necessário que como profissionais que também são constituídos por seus próprios contextos, enxergarmos os limites e potencialidades da música em toda sua performatividade. Defendemos que uma compreensão generalista e universalizante da potência do fazer musical pode induzir a um trabalho de musicoterapia que pouco considera os aspectos sociais, culturais e políticos constituintes das pessoas e, dessa forma, pouco interfere para transformá-los.

Fundamentados os argumentos sobre essa questão, são necessários fazeres e saberes musicoterápicos atentos à cultura e história dos sujeitos, o considerando como produto e produtor do seu meio (ARNDT et al 2016). Assim, o musicoterapeuta pode contribuir com processos emancipatórios de pessoas em situação de migração involuntária e/ou refúgio, tema que discorreremos na próxima seção.

**MUSICOTERAPIA E PROCESSOS EMANCIPATÓRIOS**

Em muitos dos artigos analisados (SAN QUIRICO, 2022; ORTIZ; PÉREZ-EIZAGUIERRE, 2019; HUNT,2005; COELHO, 2021), temos um discurso que se utiliza da palavra “empoderamento” para traduzir a eficácia de encontros musicoterápicos com a parcela da população estabelecida nesta pesquisa, apresentando a musicoterapia como potencializadora de confiança, autoestima e sentimento de pertencimento da população em situação de refúgio como apontado por San Quirico (2022).

Escolhemos a palavra emancipação para nos referirmos às possibilidades de processos descritos que podem ser alargados e transformados por meio de encontros, sendo essa a perspectiva que nos norteará para pensarmos a musicoterapia. Existe portanto na lógica da emancipação o princípio da igualdade e a afirmação de que a configuração política e social atual é composta por domínio, poder e sujeição de uma parcela da população à outra (RANCIÈRE, 2010) e que essa, portanto, precisa ser modificada e reconfigurada para que todos os sujeitos sejam vistos como ativos e apropriados de sua própria singularidade e igualdade diante da condição de humanidade.

Durante o processo de análise, foram encontradas justificativas que afirmavam que a musicoterapia com pessoas em situação de refúgio abre espaço para a autoexpressão, escuta, empatia (quando realizada em grupo), sororidade e comunicação (BERENSTECHER et al, 2022). Além disso, Ortiz e Pérez- Eizaguierre (2019), em um estudo de caso que se utilizou do modelo Nordoff-Robbins, justificam que por meio de um espaço de confiança, foi permitido a construção de uma nova identidade e novas ferramentas para o enfrentamento de sofrimentos do participante.

Hunt (2013), por meio de sua experiência com um grupo de musicoterapia com jovens refugiados, sustenta seu argumento de possibilidade de empoderamento por meio dos encontros pelo fato de que estes puderam decidir a funcionalidade da música diante das técnicas também discutidas e escolhidas por estes no processo e que isso acarretou na apropriação da musicoterapia por estes jovens e consequentemente, ao empoderamento de suas próprias identidades como apresentado pelo autor. Assim, Coelho (2021), aponta também para a possibilidade de empoderamento por meio de mediações musicais e além disso, a recriação e integração de experiências passadas e presentes por meio da musicoterapia.

Outros autores analisados como Biegun e Alperovich (2015), Palacios (2019) e também Coelho (2021), trazem discursos como a melhor adaptação dos participantes em novas culturas, a reconstrução e fortalecimento da identidade, a retomada de controle de existências e também a melhora na expressão da identidade dos sujeitos que participaram de encontros musicoterápicos.

Esses discursos sugerem girar em torno de um pensamento que escapa da lógica emancipatória, como se a(s) cultura(s) constituinte do sujeito precisasse ser apagada para que outra possa ser reestruturada. Se queremos pensar em uma musicoterapia que tem como possibilidade a emancipação do sujeito, podemos ter em mente que este sujeito já percorreu e ainda percorrerá distintas histórias. Portanto, todos esses movimentos devem ser vistos como constituintes da pessoa e assim, o musicoterapeuta com uma visão horizontalizada, escapará de uma perspectiva de domínio ou relação de poder como trazido por Skliar (2012) para tentar modificar o sujeito, e assim acolherá e se colocará em uma posição de igualador durante os encontros.

Assim, justificamos o porquê da escolha da palavra emancipatória durante as discussões trazidas a partir do pensamento de que somos governados e instaurados em uma lógica mundial em que o eixo imperativo é o denominado por Rancière (2010) como embrutecimento, em que o princípio da desigualdade promove recortes sociais em quais alguns são vistos como descartáveis e outros como portadores de poder e palavra, que se utilizam de uma lógica assistencialista, inferiorizante e de autoculpabilização.

O profissional, portanto, pode ter a percepção de oferecer um caminhar junto do sujeito (SKLIAR, 2012), respeitando sua singularidade para que construam novas possibilidades que aconteçam no tempo e de modo que façam sentido para quem aceita compartilhar momentos com o musicoterapeuta, que se possibilita olhar para os encontros como uma ação coletiva em que os participantes tenham papéis ativos em seus próprios processos, como apontado por Rancière (2010).

Dentro do contexto de sujeitos ativos, queremos trazer a ideia de que o musicoterapeuta peregrine com as pessoas em situação de refúgio ou imigração para que estas constatem e interpretem os fenômenos que as cercam e investiguem as causas e transformações que ocorrem em suas vidas para além de regras e formas pré estabelecidas dentro do mundo sensível, indo para além de pensamentos que pertencem à lógica do embrutecimento (RANCIÈRE, 2010).

Traçando uma analogia com o autor já citado anteriormente (RANCIÈRE, 2010), é necessário pensarmos em atividades musicoterápicas que contemplem a condição de humanidade e percepção do sujeito que instigue uma consciência emancipatória e visualizem essas pessoas como portadores de voz de sua própria história, ou seja:

Nós não precisamos transformar espectadores em atores. Nós precisamos é reconhecer que cada espectador já é um ator em sua própria história e que cada ator é, por sua vez, espectador do mesmo tipo de história (RANCIÈRE, 2010,p. 118 ).

Seguindo por esse caminho, poderemos escapar dos processos denominados na lógica do embrutecimento, que enxerga o outro como tendo um lugar de espectador passivo, dependente do conhecimento, ensinamento ou ajuda de um terceiro para que possa se adaptar à uma nova cultura, tendo que para isso, empreender um processo de apagamento de sua cultura. Por isso, caminhamos neste artigo em defesa de uma lógica emancipatória (RANCIÈRE, 2010) em que o musicoterapeuta não precisa abrir mão de seus conhecimentos, mas sim separar esses de um domínio que possa talvez não permitir encontros com um outro que também é repleto de saberes e história.

Os encontros musicoterápicos podem proporcionar assim, espaços para que haja transformação e encurtamento entre o que é conhecido e o que ainda pode vir a ser na história dos sujeitos, devendo existir algo entre o sujeito e o musicoterapeuta que os conecte e ao mesmo tempo diferencie um do outro como apontado por Rancière (2010).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos que este artigo se articula com um fazer e pensar sobre a necessidade de maior atenção das políticas públicas em relação à população estudada, visando na colaboração de ampliação científica para com a área da musicoterapia e a população em situação de migração e refúgio. Realizamos esta pesquisa na tentativa de alargar possibilidades de estratégias de superação das condições de vulnerabilidades enfrentadas, por meio de saberes e fazeres musicoterápicos.

Neste artigo, discorremos sobre a música como linguagem universal e as possibilidades da musicoterapia em processos emancipatórios. A partir desses, tecemos dedilhados que sugerem fazeres e saberes musicoterápicos que ampliem a possibilidade, potência e recursos de sujeitos em situação de migração involuntária e refúgio de serem e estarem no mundo, escapando de uma lógica de controle de existências. Para isso, consideramos ser importante um tipo de fazer e pensar musicoterapia atento aos aspectos sociais, culturais e processos históricos do sujeito.

Intentamos compreender a população estudada como únicos em sua própria vivência, ou seja, entendendo o processo de migração e refúgio como experiências singulares para cada um, tentando escapar de uma lógica que coloque o grupo e as experiências de forma unânime, mas sim pertencentes de questões singulares que permeiam a vivência de forma diferenciada e por isso, a importância de reconhecer esses sujeitos em situação de imigração, não sendo assim definidos por essa questão, mas sim fazendo dessa mais uma característica entre tantas que os fazem sujeitos diante de todas suas potencialidades e também impasses.

Procuramos, durante a escrita deste artigo, considerar o sujeito como alguém em constante transformação. Assim, refutamos uma compreensão de identidade cristalizada, ou seja, de algo inato ou que irá perpetuar para sempre de forma estagnada e imutável no sujeito, mas sim o pensando em constante movimento de acordo com suas relações e experiências.

Além disso, pensando na realidade de pessoas em situação de migração e refúgio, propomos ser importante considerar o contexto, ou seja, os aspectos sociais e culturais. Com isso, perceberemos o quão árduo e por muitas vezes cruel, se desenha as (im)possibilidades de recriação dessas existências. Durante os processos de interações musicoterápicas, torna-se, portanto, premissa uma prática de respeito às possibilidades, potencialidades e limites de cada sujeito, distanciando-nos de um fazer que proponha uma adaptação, antes visando uma recriação de possibilidades do vir a ser.

Consideramos portanto a musicoterapia não como reduzida ao tratamento do trauma vivido pelo deslocamento forçado ou como mais uma ação de estratégia para adequação social do sujeito em uma nova cultura, mas sim, defendemos uma musicoterapia que aposta em encontros que tensionam e proporcionem ações coletivas que fortalecem o sujeito em seu singular e na condição de coletivo, acolhendo-o em seus sofrimentos, considerando o contexto de sua história e reivindicam condições mais alargadas de vida para toda e qualquer pessoa.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACNUR. Dados sobre o Refúgio no Brasil - Uma análise estatística. 2022. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/

ALBA, S.Q. Musicoterapia con mujeres refugiadas y solicitantes de asilo em Berlín. 2022. **UNIR Revistas**, Nº 3. Disponível em: <<https://reunir.unir.net/handle/123456789/12942>>

BERENSTECHER, M. et al. Práctica musicoterapéutica y población migrante: Aspectos culturales en el ámbito hospitalario público de la Ciudad de Buenos Aires. **ECOS - Revista Científica De Musicoterapia Y Disciplinas Afines**, *7*, 031. [2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/27186199e031](https://doi.org/10.24215/27186199e031)>

BIEGUN, K.; ALPEROVICH, N. Cuando la identidad está en riesgo: Musicoterapia, Cultura y Migración en el Hospital Público Pediátrico. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 134-143.2015. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/6381.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3:2 p. 77-101. 2008.

COELHO, C. Encruzando fronteras: la musicoterapia como facilitadora de la expresión emocional en personas refugiadas recién llegadas a España. Trabajo Fin de Máster del Instituto Música, Arte y Proceso. No prelo. 2021.

COMTE, R. Neo-colonialism In Music Therapy: A Critical Interpretive Synthesis of the Literature Concerning Music Therapy Practice With Refugees. **Voices: A World Forum for Music Therapy**, *[S. l.]*, v. 16, n. 3, 2016. DOI: 10.15845/voices.v16i3.865. Disponível em: <https://voices.no/index.php/voices/article/view/2299>.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática.**Reme : Rev. Min. Enferm*.* [online]**. Vol.18, n.1, p. 09-11. 2014.

HOWE, A., PÉREZ-EIZAGUIRRE, M. La musicoterapia como acompañamiento al duelo migratorio: un estudio de caso único sobre la identidad. **Revista De Investigación En Musicoterapia**, *3*, 108–130. 2020. Disponível em: < https://doi.org/10.15366/rim2019.3.007>

JIMÉNEZ. M.G. Música, Lenguaje universal. **Revista de Antropología Experimental nº 8**. Texto 21: 287-295. 2008.

MAHEIRIE, Kátia et al . (Re)composição musical e processos de subjetivação entre jovens de periferia. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro , v. 60, n. 2, p. 187-197, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1809-52672008000200017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 maio 2023.

MENDES, Karina D.S.; SILVEIRA, Renata Cristina C.P.; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto contexto-enferm., Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, out./dez. 2008.

MERCADO-MARTÌNEZ, F. J. O processo de análise qualitativa dos dados na investigação sobre serviços de saúde. Pesquisa qualitativa de serviços de saúde. Rio de Janeiro: **Vozes**, p. 137-174, 2004.

NORONHA, L.M. Música: universalidade, linguagem e significação. III Encontro Nacional de Pesquisadores em Filosofia da Música. 2010. Disponível em: < <https://www.academia.edu/3722551/M%C3%BAsica_universalidade_linguagem_e_significa%C3%A7%C3%A3o>>

PALACIOS, D.C. Escuta a sua voz : musicoterapia comunitária com crianças e jovens refugiados. Universidade de Lusíada, Mestrado em Musicoterapia. 2019. Disponível em: <<http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/4745>>.

PROETTI, S. A pesquisa qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. Cf. Como se faz uma tese. 19. **ed. São Paulo: Perspectiva**, 2004.

RANCIÈRE, J. O espectador emancipado. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 15, p. 107-122, 2010.

RODRIGO, M.D; FERNÁNDEZ, I.S. Educacion para la paz y la ciudadanía desde la musica como lenguage universal de las emociones. Boletín virtual – septiembre - VOL 5. 2016.

SEEGER, C. Reflections upon a Given Topic: Music in Universal Perspective. Ethnomusicology .Vol. 15, No. 3, p. 385-398 .Published by: University of Illinois Press on behalf of Society for Ethnomusicology 1971. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/850639>>

SOUZA, L. Pesquisa com análise qualitativa de dados : conhecendo a análise temática. **Arquivos brasileiros de psicologia**. Rio de Janeiro. Vol. 71, n. 2. 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/245380>

SKLIAR, C. Experiência, diferença e formação. 2014 Recuperado de

http://professorelilopes.blogspot.com.br/2014/11/experiencia-diferenca-eformacao.html.